Capítulo V — A Religião

Chamo em torno de mim todas as gerações, todos os povos, todas as tribos civilizadas e bárbaras que passaram sobre a terra; coloco-me no meio desse vasto círculo; depois, voltando-me para todos os pontos da circunferência, interrogo meus inumeráveis ouvintes e lhes pergunto: Entre o pai e o filho, entre a mãe e a filha, entre os pais e os filhos existe um laço natural e sagrado? Esse laço constitui relações necessárias de superioridade e de inferioridade, de amor e de proteção, de respeito e de reconhecimento? E vejo todas as cabeças se inclinarem, todas as bocas se abrirem para responder-me: Sim, entre o pai e o filho, entre a mãe e a filha, entre os pais e os filhos existe um laço e relações naturais e sagradas.

Continuo e pergunto: Se existem relações necessárias de superioridade e de inferioridade entre o pai e o filho, porque um é o autor da vida do outro, não é evidente que existem necessariamente entre Deus, criador e pai do homem, e o homem, criatura e filho de Deus? E todo o meu auditório se levanta para responder-me: tão evidente quanto esta verdade só a luz do dia. As relações que existem entre Deus e o homem são ainda mais íntimas, mais sagradas, mais nobres que as que unem os pais aos filhos, visto que os pais não são nem os criadores, nem os conservadores, nem o fim último de seus filhos, títulos sagrados que convêm a Deus e só a ele convêm.

Ouvidas essas respostas, deixo meu imenso auditório e digo a mim mesmo: Vejamos se todos esses homens que acabo de interrogar me disseram a verdade e se os fatos confirmam suas palavras. Ora, em toda parte e sempre, monumentos variados, numerosos, incontestáveis me mostram o homem crendo na existência de um laço indissolúvel e sagrado e em relações necessárias entre Deus e ele. Para manifestar sua crença, vejo-o em toda parte e sempre professando uma religião, tendo templos, altares, sacerdotes, festas e sacrifícios. Em qualquer latitude a que me eleve, em qualquer século a que remonte, não encontro um só povoado, por selvagem que seja, sem um culto qualquer; e concluo minha viagem em torno do mundo repetindo estas palavras de um antigo filósofo:

> *Se percorreres a terra, diz Plutarco, poderás achar cidades sem muralhas, sem letras, sem leis, sem palácios, sem riquezas, sem moedas, sem escolas, sem teatros. Quanto a uma cidade sem templos e sem deuses, sem preces, sem oráculos, sem sacrifícios para obter os bens do céu ou afastar seus flagelos, isso ninguém jamais viu. Seria mais fácil achar uma cidade construída no ar do que um povo sem religião*[1].

Entre Deus, criador do homem, e o homem, criatura de Deus, existem, pois, relações naturais e necessárias: é o grito da razão, é a voz do gênero humano.

A essas relações já tão nobres, Deus acrescentou gratuitamente outras ainda mais nobres. Querendo honrar com uma honra infinita seu representante na terra, sua criatura favorita, fez-se ele mesmo seu fim último, sua felicidade. Desde então o homem foi destinado não mais a ver Deus no espelho mais ou menos transparente das criaturas, mas a vê-lo imediatamente e sem véu. Essa visão, essa posse imediata de Deus, princípio de glória, fonte de inefáveis delícias, constitui a felicidade sobrenatural. Essas relações sobreacrescentadas e a sublime sociedade que delas decorre existiram para o homem desde o primeiro instante de sua criação; pois, como vimos, o homem foi criado em estado de graça e de justiça sobrenaturais[2].

De todas essas relações naturais e sobrenaturais resulta, entre Deus e o homem, uma união, uma sociedade, um laço que se chama, com toda a propriedade, Religião, isto é, laço por excelência[3].

Laço por excelência, porque une entre si o rei do céu e o rei da terra; laço por excelência, porque é o próprio amor, isto é, o que há de mais nobre, de mais doce e de mais forte. Deus amando o homem e, em testemunho de seu amor, o homem amando a Deus; Deus dando ao homem todos os motivos e todos os meios de amá-lo; o homem correspondendo às iniciativas de Deus; Deus amando o homem a ponto de unir-se a ele no tempo e de torná-lo participante de sua natureza no céu; o homem começando na terra sua união com Deus e consumando-a nas delícias da eternidade: eis toda a religião em sua natureza, em seus meios e em seu fim.

Laço por excelência, porque constitui a lei mais fácil em suas prescrições, a mais útil em sua prática, a mais magnífica em suas recompensas; lei imaculada, base de todas as outras leis, proteção de todos os direitos, razão de todos os deveres.

Laço por excelência, sobretudo, porque eleva gratuitamente o homem até a participação da natureza e da própria felicidade de Deus. Por aí se vê claramente que a religião inteira é um imenso benefício, uma grande graça, a graça diversificada de mil maneiras; que seus dogmas, seus preceitos, seus sacramentos, todas as cerimônias de seu culto, tão variadas e tão belas, são como outros tantos regatos que levam as águas dessa fonte inesgotável a nosso espírito, a nosso coração e a nossos sentidos.

Não é sem razão que apresentamos, desde o princípio, a religião sob esse ponto de vista ao mesmo tempo tão justo e tão próprio para tocar o coração. A ignorância do homem e sobretudo suas inclinações viciosas lhe persuadem com demasiada frequência que a religião é um jugo penoso e como um funesto presente de Deus. Vítimas desse deplorável erro, muitos só se submetem às prescrições salutares da fé por força e por temor; outros, ainda mais dignos de piedade, abandonam-nas abertamente ou mantêm-se, a seu respeito, numa indiferença criminosa.

Notas

[1] In Coloten.

[2] Si quis non confitetur primum hominem Adam, cum mandatum Dei in paradiso fuisset transgressus, statim sanctitatem et justitiam in qua constitutus fuerat amisisse... anathema sit. — C. Trid., sess. VI, can. I. Daí aquela proposição de Baio, condenada pela Igreja: Humanæ naturæ

sublimatio et exaltatio in consortium divinæ naturæ debita fuit integritati primæ creationis, ac proinde naturalis dicenda est, et non supernaturalis. — Prop. XXI.

[3] Religet ergo nos religio uni omnipotenti Deo. — Santo Agostinho, De Vera Religione, X, 113. — Vinculo pietatis obstricti Deo religati sumus : unde ipsa religio nomen accepit. — Lactâncio, Div. inst., liv. VI.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:06 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:07 by Admin